

TEATRO DE GRUPO: A COLABORAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NOS COLETIVOS

Ricardo Carvalho de Figueiredo (UFMG)

GT: Territórios e Fronteiras

Palavras-chave: Processo Colaborativo; Interdisciplinaridade; Pedagogia Teatral.

Dentre as diversificadas propostas de revisão/rupturas na história do teatro, notamos que uma das originalidades da prática brechtiana consistiu em fazer intervir concomitantemente diversos modos de teatralização do texto: os diálogos, *songs*, projeções, *slogans* etc. A novidade da prática brechtiana teve a ver com a invenção de um texto plural, cuja heterogeneidade reforçou as possibilidades significantes, através da dialética semiológica que introduziu.

Podemos caracterizar essa abordagem praticada por Bertolt Brecht de **polifonia**, que se define, segundo MALETTA (2005: p. 47-48) da seguinte forma:

(...) polifonia é um termo emprestado da música e que se refere aos discursos que incorporam dialogicamente muitos pontos de vista diferentes, apropriando-se deles. O autor do discurso pode fazer falar várias vozes. Em outros termos, a polifonia refere-se à qualidade de um discurso incorporar e estar tecido pelos discursos – ou pelas vozes – de outros, apropriando-se deles de forma a criar, então, um discurso polifônico. (Grifos meus).

Conforme explicitado, utilizar o conceito de polifonia nesse trabalho pode nos revelar aspectos importantes no que se refere ao teatro e especificamente à cena colaborativa. Isso porque, se polifonia “se refere aos discursos que incorporam dialogicamente muitos pontos de vista diferentes, apropriando-se deles.” (MALETTA, 2005: p. 47 – 48), o ato de alguém apropriar-se do discurso do outro, revela que é preciso um movimento dessa pessoa para, colocando-se enquanto criadora, conseguir ser autor do trabalho e ainda assim, não só respeitar as outras vozes criadoras, como também incorporá-las ao seu discurso.

Acontece que não basta para este estudo saber que o teatro é por si só, polifônico – pois o ato teatral faz intervir durante o espetáculo discursos oriundos de diversos sistemas semióticos: cenário, figurino, iluminação, gestos, palavras etc. – se os autores (ator, dramaturgo, diretor, iluminador etc.) não trabalham, de forma consciente, polifonicamente. Ou seja, é preciso uma incorporação da polifonia no fazer teatral, por parte de todos os envolvidos no processo, de forma a não só agir polifonicamente, como também, interdisciplinarmente.

O prefixo ‘inter’ vai indicar a inter-relação entre duas ou mais áreas, sem que nenhuma se sobressaia sobre as outras, mas que se estabeleça uma relação de reciprocidade e colaboração, com o desaparecimento de fronteiras entre as áreas do conhecimento. (RICHTER, 2002: p.85).

O conceito de interdisciplinaridade trazido para esse estudo pretende relativizar a elaboração da cena teatral e tem ligação direta com a nova relação pretendida entre o palco e platéia, uma vez que esse teatro

utiliza-se de todos os seus elementos cênicos para tecer o discurso, a fim de provocar e estimular o espectador.

Com isso, BRNA (2006) nos faz refletir sobre o termo Colaboração, destacando-o como: “(...) ao passo que a colaboração envolve o empenho mútuo dos participantes em um esforço coordenado para solucionar juntos o problema”. (BRNA. 2006: p. 02). A Colaboração envolve o empenho mútuo dos participantes em um esforço compartilhado para a solução conjunta da cena – o que nos ajuda a compreender que a obra é de autoria de todos os envolvidos e que cada um, em suas funções específicas, irá contribuir para o todo, ao mesmo tempo que dialoga, influencia e é influenciado pelas outras partes do processo.

Fundamentalmente o Processo Colaborativo é uma experiência de grupo e a permanência de um núcleo mais ou menos estável de criadores tem sido um fator determinante para a prática, pois o amadurecimento do grupo criador amplia os horizontes da criação nas pesquisas técnicas e artísticas, além de criar uma identidade da equipe, proporcionada pela experiência compartilhada.

Assim, o Processo Colaborativo mantém a criação conjunta, mas preserva as diferenças, onde cada criador – ator, dramaturgo, diretor etc. – não abdica o seu lugar de autoria e tem sua própria leitura do material experimentado em conjunto e ainda,

O que se nota, nesse caso, é que a participação ativa de atores, dramaturgo e diretor na concepção do texto e do espetáculo não impede que os envolvidos construam dramaturgias específicas da atuação, da palavra e da encenação, que às vezes podem não estar em completa sintonia. (FERNANDES, 2002: 38).

No Processo Colaborativo existe a divisão tradicional das funções teatrais e a cada uma delas são delegados espaços específicos, onde todos integrantes são autores da obra artística, porém cada um contribui a partir do seu espaço propositivo.

Convém destacar que o simples fato de um grupo de pessoas trabalharem juntas, não significa, necessariamente, que se esteja desenvolvendo uma colaboração. Pois,

A utilização do termo Colaboração é adequada nos casos em que os diversos intervenientes trabalham conjuntamente, não numa relação hierárquica, mas numa base de igualdade de modo a haver ajuda mútua e a atingirem objetivos que a todos beneficiem (BOAVIDA e PONTE, 2002: p. 45).

Vale ressaltar que é importante para esse tipo de trabalho a ação polifônica dos criadores, pois, trabalhando em suas respectivas áreas, dialogam e incorporam as diversas vozes dos criadores às suas respectivas funções. Por exemplo: o iluminador possui uma proposta para determinada cena, apresenta-a. Lê o que resultou da sua proposta inicial com as demais influências (vazes): a interferência dos atores com a proposta da luz, como o cenário repercute determinada ação sobre a iluminação etc. e, dessa forma, o iluminador elabora uma forma de, mantendo suas proposições, incorporar as diversas vozes que ali se presentificam.

Da mesma forma que um ator precisa atuar sabendo incorporar outras vozes criadoras ao seu discurso, ou seja, que o ator saiba não só dialogar com a luz, mas também propor, enquanto atua novas

propostas de luz para o iluminador, precisa também se preocupar e colaborar com as outras áreas e com os seus respectivos responsáveis: o diretor, o cenógrafo, o dramaturgo, o figurinista e quantos mais criadores envolvidos o grupo tiver. Esse movimento não se restringe apenas ao trabalho do ator, pois todos os criadores precisam apropriar-se e potencializar as diversas vozes criadoras às suas respectivas criações.

Ao entrevistar Júlio Maciel (ator do Grupo Galpão) que dirigiu um espetáculo no Galpão Cine Horto através de um trabalho colaborativo, perguntamos se para ele, houve alguma modificação ao exercer novamente a função de ator dentro do grupo e como se relacionou com as outras áreas num trabalho posterior que não era caracterizado como Colaborativo. Em resposta nos disse que:

Estou como ator no último trabalho do Galpão: “Um homem é um homem” de Bertolt Brecht, com direção de Paulo José. Os dois processos são difíceis da mesma forma. As dificuldades aparecem de momentos diferentes. No Processo Colaborativo o ator se apropria do texto mais rápido, pois acaba criando junto o texto. No “Caixa Postal 1500” a gente só tinha a idéia inicial, no final criamos tudo, do nada. Nasce muito orgânico do ator. Mas não tem texto pra gente agarrar. No outro processo, como você coloca o personagem no ator, adaptar aquilo a você. Tem outra dificuldade: quem passa pelo Processo Colaborativo experimenta sair da sua função e não fica só fechado naquilo. No Processo Colaborativo você acaba por mexer em tudo, tem uma visão completa do trabalho teatral, o teatro como um todo. Eu fiz a dramaturgia de um Oficinão aqui “Papo de Anjo”. Acabei estreando na dramaturgia, o que me deu isso foi ter passado pelo Processo Colaborativo. Mesmo que você não vá ser aquilo tudo, você compreende mais outra função, tem diálogo maior. Esse processo amplia a visão e as possibilidades. Você é responsável por todo aquele trabalho, pela criação de tudo. O Processo Colaborativo dá uma abertura para o profissional, uma visão mais global. Você tem uma visão de como aquilo funciona, você vê com outros olhos as funções. Eu passei pelas três áreas e você vê a dificuldade nas três áreas.

Verificamos a partir da fala de Júlio Maciel, que a experiência do trabalho Colaborativo faz ampliar o olhar do artista, passando esse a dialogar diretamente com as outras áreas, além de fazer com que o artista faça propostas aos outros criadores também. Essa postura dialógica possibilita ao criador compreender a atividade teatral de maneira orgânica, pensada e construída a variadas mãos e vozes. Criar, recriar, modificar-se perante o outro, olhar por um novo ângulo; acreditamos que a colaboração e a interdisciplinaridade vêm contribuir nesse ponto com o teatro e, conseqüentemente, com o sujeito que ali se transforma.

BIBLIOGRAFIA

BOAVIDA, Ana Maria & PONTE, João Pedro da. **Investigação colaborativa: potencialidades e problemas.** In: GTI (Org.). **Refletir e investigar sobre a prática profissional.** Lisboa: APM, 2002. p. 43 – 55.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BRNA, Paul. **Modelos de colaboração.** Trad. Álvaro de Azevedo Diaz. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr3/Brna03.htm>> acesso em 12/08/06.

FERNANDES, Sílvia. **O Lugar da Vertigem.** In: **Trilogia Bíblica** (Teatro da Vertigem). Apresentação de Arthur Nastrovski. São Paulo: Publifolha, 2002. (p. 35 – 40)

MACIEL, Júlio. Entrevista cedida a Ricardo Carvalho de Figueiredo no dia 14/03/2006.

MALETTA, Ernani de Castro. **A formação do ator para uma atuação polifônica: princípios e práticas.** 2005. Tese. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

RICHTER, Ivone. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.